

Amizade, graça de Deus



» JOSÉ SARNEY
Ex-presidente da República,
escritor e imortal da Academia
Brasileira de Letras

Ao longo da vida, depois de navegar entre dúvidas para escolher o que achava melhor da existência, cheguei à conclusão que tenho repetido muitas vezes ao longo dela: a melhor coisa da vida é a amizade.

Os teólogos buscam compreender as raízes da amizade desde o *Livro do Gênesis*. Eu acho que só não se pode dizer que ela é a motivação, mas, sem dúvida, uma das alegrias de sustentação do viver é essa forma de comunhão humana que une as pessoas e faz com que essa união seja sinônimo de felicidade e caminho para muitas alegrias e satisfações.

A primeira vez que eu senti a força do que era a amizade foi numa conversa com meu pai, quando eu tinha mais ou menos 12 anos de idade. Ele me chamou e, no meio da nossa conversa, já então um relacionamento de estreita ternura e grande amor, me disse: "José, eu sou teu pai. Ninguém nasce sem ter um pai. Sou parte da missão de Deus para que tu tivesses vida. Assim, eu já sou teu pai, quero ser também teu amigo."

Talvez eu não soubesse àquele tempo a profundidade do que ele tinha me dito, mas hoje ele está no caminho da eternidade, e eu, aqui, nos caminhos da existência que Deus me deu, através dele e de minha mãe, posso afirmar que o pedido dele para que fôssemos amigos me indicava o melhor caminho. E posso dizer que sua amizade foi a primeira, a maior e a mais profunda de minha

vida, dividida com minha mãe, que também marcou esta minha jornada.

Sempre fui muito amigo de meu pai, e nessa amizade estava a confiança e, sobretudo, a confiança — sinônimo de amizade, porque esta não existe se antes não existir aquela. É a confiança que dá a segurança de unidade, de revelação e de certeza de que a amizade é, como diz Dom Bento de Aviz, "uma das experiências universais mais estruturantes do humano, como o amor, a dor, o vínculo, a festa, a amizade", considerando, inclusive, que ela faz parte do próprio dom de Deus com os homens.

Que ela faz parte da sublimação da alegria do relacionamento humano não tenho dúvida e deixo essa busca religiosa de sua origem para afirmar da vivência e da existência de cada um. Atrevo-me a dizer que quem não tem amigos não viveu, pois deixou de experimentar o que há de mais humano em nós; quem não fez amigos ou os abandonou corre o risco de ficar condenado à frustração e à infelicidade.

São os amigos aqueles que nos sustentam nos momentos difíceis, e nós os sustentamos nas horas iguais. São os amigos que nos dão segurança na necessidade dos conselhos e das opiniões. Muitas vezes, são os que nos salvam. Reconheço que não são muitos e, ao longo da nossa trajetória na face da Terra, o próprio viver nos faz ir decantando e vendo sobrar aqueles que foram testados e juntos nos asseguraram a felicidade de poder chamá-los de amigos.

Meu pai, para mim, colocou a amizade senão acima da paternidade, pelo menos no mesmo andar em que elas realmente se encontram. Cristo, igualmente, fez a mesma coisa quando, na Última Ceia, fala aos seus apóstolos: "Já não vos chamo 'servos', porque o servo não sabe o que faz o seu

senhor; mas tenho-vos chamado 'amigos', porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos dei a conhecer." (*Evangelho de São João*, 15:15.)

Assim, nós descobrimos que, quando o Redentor se refere aos amigos não é o mesmo de quando Ele se refere aos irmãos. A Irmandade está vinculada à nossa origem divina, na certeza de que todos somos filhos de Deus. Já para ser amigo precisamos da vida; e acredito que a base da amizade é a intimidade — intimidade esta que Cristo tinha com os que, com Ele, assumiram a missão de evangelizar.

São Gregório, contudo, em sua divergência com São Basílio, nos adverte em sua autobiografia sobre a profunda decepção que sofreu em sua relação de confiança com esse seu grande amigo, companheiro de juventude, São Basílio Magno, relatando ter sido pressionado por ele a assumir a cátedra episcopal na isolada e árida Sásima, expressando sua dor pelo abalo na relação de confiança: "Pela força me fez assumir o trono episcopal, assim, com seu amor paternal, enganou-me duas vezes: por nossa parte, tiramos um lucro de sua amizade: não confiar em amigos e não considerar nada mais valioso do que Deus".

É verdade que, depois, impedido pelas circunstâncias de assistir São Basílio em seus momentos finais, São Gregório uniu-se novamente ao amigo em espírito, reconciliando-se na eternidade e na memória: São Gregório dedicou-se a defender o legado de São Basílio e a eternizar aquela amizade na memória da Igreja.

Não vou mais senão afirmar que a verdadeira amizade não acaba, se reconstrói sempre, porque é tão forte, tão grande e tanto espaço ocupa na vida de todos nós que não podemos viver sem os amigos que conquistamos. Até hoje sou amigo de meu pai, de minha mãe — através da sua memória e do seu eterno amor.

Maurenilson Freire/CB/D.A. Press



Mais alunos, mais desafios: o que o Ideb não conta sobre o tempo integral



» GIOVANI ROCHA
Economista e pesquisador,
PhD em ciência política e
PhD em estudos raciais pela
Universidade da Pensilvânia

A discussão recente sobre a queda no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) das escolas de tempo integral acendeu um alerta legítimo. Mas a forma como esse debate vem sendo conduzido revela um problema maior: estamos analisando uma política estrutural com uma lente estreita demais.

A expansão do tempo integral no Brasil não aconteceu entre alunos com as mesmas condições de sempre. Em muitos contextos, ela avançou para onde historicamente faltaram oportunidades, como nas periferias, em territórios vulneráveis e entre estudantes majoritariamente negros e de baixa renda. Isso muda tudo, e avaliar os resultados sem considerar esse novo ponto de partida não é rigor, é distorção.

Quando uma política pública amplia o acesso, ela necessariamente incorpora desafios mais complexos. O que vemos agora não é, necessariamente, piora de qualidade, mas um sistema que passou a atender quem antes ficava de fora. Confundir esse movimento com fracasso é ignorar o próprio objetivo da política, principalmente quando falamos de um país com contrastes sociais tão marcantes.

Tempo integral não é bala de prata, mas também não pode virar bode expiatório. Quando funciona de verdade, pode ser uma das

políticas públicas mais potentes para quebrar ciclos de pobreza no Brasil. Portanto, a pergunta relevante aqui não é se funciona, e, sim, em quais condições está sendo implementada. Jornada ampliada, por si só, não transforma trajetórias. O que faz diferença é o que acontece dentro desse tempo: projeto pedagógico consistente, professores valorizados, alimentação adequada, gestão escolar estruturada, infraestrutura e um currículo que dialogue com a realidade dos estudantes.

Falo também a partir de vivência. Minha formação em escola pública com jornada ampliada foi decisiva para ampliar horizontes e transformar expectativas. A escola, naquele contexto, não era apenas um espaço de aprendizagem formal, mas um ambiente que expandia repertórios, criava vínculos e tornava o futuro uma possibilidade concreta. A educação pública me formou para muito além da sala de aula. Foi ali que aprendi política, a conviver com o diferente e comeci a entender o ensino superior e o mundo do trabalho como possibilidades reais. Foi ali que o meu futuro aumentou de tamanho. E esse tipo de impacto dificilmente aparece por completo em avaliações padronizadas que ignoram contextos.

Outro ponto essencial: português e matemática continuam sendo dimensões centrais da política. Segundo o estudo, o impacto da educação integral sobre essas aprendizagens pode chegar a cerca de 12 pontos na escala Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), equivalentes a aproximadamente 0,35 ponto no Ideb. Mas esses indicadores não dão conta, sozinhos, de todas as dimensões que definem uma educação verdadeiramente integral. Quando bem implementado, o

ensino médio integral entrega tanto ou mais nessas disciplinas do que o ensino parcial. O problema é que índices isolados não capturam o que a política entrega além da prova: permanência, equidade racial, redução de vulnerabilidades, acesso ao ensino superior e ao trabalho. Não é uma coisa ou outra. É a educação integral no seu sentido mais completo.

Se a proposta é formar estudantes de maneira integral, a avaliação precisa acompanhar essa ambição. Caso contrário, seguimos contando histórias incompletas e premiando o que é mais fácil de medir, não o que é mais importante transformar.

Há ainda um desafio concreto de implementação. Em conversas com professores, gestores e redes, uma coisa aparece o tempo todo: boa parte das críticas não é contra a ideia de educação integral. As críticas, geralmente, emergem quando a jornada é ampliada sem que a experiência escolar tenha sido transformada. Professores sobrecarregados, infraestrutura insuficiente e currículos desconectados limitam o potencial da política e, sem execução consistente, até boas ideias perdem força.

Por fim, é preciso rever quem está participando desse debate e aproximar a política da vida real. Pensar educação integral sem incluir professores, estudantes e representantes dos territórios mais impactados é uma contradição. Diversidade, nesse caso, não é discurso, é método para melhorar o diagnóstico e a decisão.

Reduzir a educação integral a um único indicador não é apenas simplificação. É um erro de diagnóstico. Se quisermos avaliar essa política com seriedade, precisamos perguntar não apenas quais resultados ela produz, mas para quem ela passou, finalmente, a existir.

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br

O deus da máquina

Há um paralelo filosófico bastante interessante entre o deus ex machina do teatro grego e a inteligência artificial (IA). Naturalmente, trata-se de uma analogia, e não de uma equivalência. Ambos compartilham algumas características simbólicas que ajudam a compreender como as sociedades lidam com o poder, o conhecimento e a resolução de problemas. Na tragédia grega, o deus ex machina (deus vindo da máquina) era um recurso dramático. Quando a trama chegava a um impasse insolúvel, um deus era literalmente descido ao palco por uma máquina teatral para resolver o conflito de forma repentina e definitiva.

Aristóteles já viu esse expediente com reservas, justamente porque a solução vinha de fora da lógica interna da narrativa. A IA, para muitos, é como um novo deus da máquina. Obviamente que a inteligência artificial não é um deus. É uma tecnologia criada por seres humanos. Mas, na percepção social, frequentemente ocupa um papel semelhante ao do antigo recurso dramático. Quando um problema parece insolúvel, a resposta costuma ser: a IA irá resolver. Ou seja, na medicina, na educação, na economia, na guerra, na justiça ou na administração pública, cresce a expectativa de que a IA apareça como uma solução quase milagrosa.

Hoje, a IA frequentemente é apresentada como resposta para problemas que desafiam a inteligência humana, como nas mudanças climáticas, na descoberta de medicamentos, na gestão de cidades, no diagnóstico médico, na produtividade econômica e na segurança digital, entre outros. Os deuses gregos possuíam visão ampla da realidade. Conheciam passado, presente e futuro. A IA também é percebida como uma inteligência que "sabe mais". Ela consulta bilhões de documentos em segundos, identifica padrões invisíveis ao ser humano e produz respostas extremamente rápidas. A diferença fundamental é que o conhecimento divino seria absoluto, enquanto a IA apenas calcula probabilidades com base nos dados disponíveis.

Na tragédia, quando o deus falava, encerrava-se a discussão. Hoje, existe um risco semelhante. Muitas pessoas tendem a aceitar automaticamente aquilo que a IA responde, como se fosse uma verdade definitiva. O que não é. Pelo menos, por enquanto. É óbvio que esse fenômeno preocupa filósofos e cientistas, porque pode reduzir o pensamento crítico, esperando uma resposta pronta que venha de uma inteligência externa à própria reflexão. O deus ex machina vinha de fora da história. A IA também funciona muitas vezes como um elemento externo ao processo humano.

Calculamos menos. Memorizamos menos. Escrevemos menos, e o fundamental: decidimos menos. Ocorre que, quanto maior essa dependência, maior o poder atribuído à tecnologia. Perigosamente, instituímos a ilusão da onisciência da IA. Os deuses, naquela época, eram considerados oniscientes. E ainda são. Na realidade, ela tem limitações importantes, pois pode errar, pode refletir vieses presentes nos dados, pode produzir informações incorretas e não possui consciência nem compreensão moral. O deus grego resolvia problemas humanos e, depois, desaparecia no ar. Nesse caso, ninguém respondia pelas consequências. Com a IA, surge uma pergunta parecida. Se um sistema autônomo causar um acidente, negar um financiamento injustamente, errar um diagnóstico ou participar de uma decisão militar, quem será responsável? Um programador? A empresa? O usuário ou o Estado? Essa é uma das grandes questões éticas do século 21. A máquina torna-se, então, símbolo do transcendente.

Existe ainda um aspecto filosófico profundo. Na Grécia antiga, o transcendente vinha do Olimpo. Na modernidade, muitos depositam na tecnologia expectativas quase religiosas, esperando que ela elimine doenças, resolva guerras, aumente a inteligência humana, prolongue indefinidamente a vida e, ainda, responda às grandes perguntas da existência. Alguns autores chamam isso de tecnoutopismo ou tecnossalvação: a crença de que a tecnologia substituirá aquilo que antes era esperado da religião ou da filosofia.

O deus ex machina era concebido como um ser superior ao homem. A inteligência artificial é criação humana. Nesse sentido, ocorre uma inversão curiosa. Na tradição judaico-cristã, Deus cria o homem. Na civilização tecnológica, o homem cria a IA. Se essa IA passar a tomar decisões fundamentais sobre a vida humana, estabelecer-se uma cadeia simbólica inédita: Deus — homem — inteligência artificial. Ou seja, a criatura passa a criar outra criatura dotada de crescente capacidade de decisão.

Essa possibilidade suscita questões filosóficas profundas sobre responsabilidade, liberdade e poder. O antigo deus ex machina representava a esperança de uma intervenção extraordinária quando os recursos humanos se esgotavam. O verdadeiro desafio não é impedir seu desenvolvimento, mas evitar que a IA seja tratada como uma autoridade infalível ou como substituta do julgamento humano. A história do deus ex machina lembra que soluções vindas "de fora" podem encerrar uma narrativa; a história da IA ainda está sendo escrita e continuará dependendo das escolhas éticas, políticas e científicas de quem a desenvolve e a utiliza.

A frase que foi pronunciada:

“Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia.”

Arthur C. Clarke

História de Brasília

A ausência desta coluna nestes últimos dias tem sido em virtude de nossas atividades como jurado, no Tribunal do Júri. Amanhã, provavelmente, estaremos ausentes, dependendo do sorteio. (Publicada em 24/5/1962)